

Universidade Federal de Pernambuco
Graduação em Ciências Sociais Licenciatura

Angelo Antonio Germano Rodrigues

Atividade escrita para disciplina Antropologia e Colonialidades

Recife, 2021

Amor, olha o que fizeram com nosso povo.

Amor, esse é o sangue da nossa gente.

Amor, olha a revolta do nosso povo.

Eu vou, juro que hoje eu vou ser diferente

(Corra, Djonga)

1. Introdução

Neste texto irei apresentar o rap como eixo basilar do movimento hip-hop para dialogar sobre como este movimento serve não só de abrigo para vários grupos e povos subalternizados, como também como prática de resistência a colonialidade.

Separo o rap e o hip-hop apenas para facilitar a interlocução, pois o rap está dentro do hip-hop como um dos seus quatro elementos. A facilitação advém da maior imersão do rap no cotidiano da sociedade por ser um gênero musical que se populariza mais a cada dia, porém o elemento não se distancia do hip-hop de nenhuma maneira e só existe através dele.

Irei me ater neste texto ao movimento nacional. Primeiramente, será feita uma abordagem histórica da origem do movimento hip-hop no Brasil, como se desenvolveu e onde se encontra, seguido de uma descrição das práticas e dos elementos que compõem o movimento, focando mais especificamente no rap, buscando averiguar onde e como exerce resistência à colonialidade.

Aqui é necessário compreender o que se entende por colonialidade e como se difere do colonialismo. O colonialismo é “uma relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os conquistados de todos os continentes.” (Quijano, 1992, p. 1). Sendo assim, de acordo com Quijano, mesmo que o colonialismo de forma direta não exista mais no Brasil, o espectro colonial se manifesta a partir da colonialidade, que é a expressão de um padrão cultural, estético e de relação social imposto pela Europa durante o período colonial e também posterior a ele. Como dito por Quijano (1992, p. 4)

A colonialidade, em consequência, é ainda o modo mais geral de dominação no mundo atual, uma vez que o colonialismo, como ordem político explícito, foi destruído. Ela não esgota, obviamente, as condições nem as formas de exploração e dominação existentes entre as pessoas.

Em seguida, serão apresentados alguns coletivos distintos que representam o movimento em diversos locais do Brasil, esses protagonizados por diferentes corpos,

povos e culturas. Assim, busco averiguar como é representado, sua importância como resistência, organização coletiva e movimento de contracultura. Nesse sentido, pensando a partir de Paul Gilroy (2001), Delphino (2020) vê no movimento hip-hop

“uma ferramenta pedagógica imprescindível [...] como uma forma de contrapoder e contracultura na modernidade, portanto, um mecanismo para afirmação de memórias, identidades e saberes da diáspora.”¹

Por fim, aproveito o texto e contexto para divulgar como mecanismo de luta e resistência local a Batalha da Várzea. Uma batalha de rimas que acontece na zona-oeste do Recife todas as quintas na praça da Várzea.

*Porque aí, guerreiro, é desse jeito
A imagem que reflete no espelho
É do ghetto, que clama por amor, justiça, respeito
(Gangsta Rap Nacional, Realidade Cruel)*

2. Caminhada

A priori, é impreterível conhecer a origem do movimento hip-hop, pois é a partir da história que podemos contextualizar e definir como se organiza na atualidade. O movimento hip-hop chega ao Brasil na década de 1980, na cidade de São Paulo. Jovens passam a se reunir na Galeria 24 de Maio e na estação São Bento do metrô para ouvir as músicas trazidas do Bronx.²

O primeiro elemento a se fortalecer no Brasil foi o *breakdance*. Os jovens se reuniam para escutar as músicas que chegavam dos Estados Unidos e criavam passos para se comunicar com esse novo ritmo. Visto por alguns como pai do movimento nacional, Nelson triunfo é um dos grandes nomes do breakdance, se tornando um expoente brasileiro e, sem dúvidas, uma referência de grande importância na organização do hip-hop nacional.

¹ Delphino Fernandes de Souza, G., Campos da Silva, T. ., & Rodrigues da Silva, F. (2020). CULTURA POPULAR NEGRA: DECOLONIALIDADE NO RAP E EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS. *TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA* (ISSN: 2358-212X), 9(2). Recuperado de <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3890>

² O Bronx é um burgo na cidade de Nova Iorque, coextensivo com o condado do Bronx, no estado americano de Nova Iorque. O condado foi fundado em 1639 por Jonas Bronck, um sueco que estabeleceu no território uma fazenda. Naquela época o local ficou conhecido por Terra de Bronck e com o tempo passou a ser chamado Bronx. Vide: wikipedia

Atualmente, o break, como é conhecido, é protagonizado pelos dançarinos, conhecidos como b-boys e b-girls, os outros elementos do hip-hop são o grafite, o DJ e o MC.

O grafite é como o hip-hop se expressa por pinturas. Atualmente, o elemento possui uma melhor aceitação, porém, no início, como todos os demais eixos, sofria grande discriminação, perseguição e preconceito. O DJ é a sigla para *disc jockey*, este é o responsável por escolher a música que vai animar o baile, enquanto, por fim, e não menos importante o MC, sigla que representa o *master of ceremony*, por sua vez ao rimar em cima do beat feito pelo DJ, exerce da linguagem para se comunicar com o público. Normalmente suas letras discutem e denunciam as desigualdades raciais, sociais e as violências vivenciadas nas favelas e comunidades, entretanto, também discutem questões prosaicas de seu contexto.

Nesse sentido, é importante lembrar o embrião do rap na Jamaica como forma de socialização dentro de seus guetos, onde os mestres de cerimônias usavam o *Sound System* para discutir violência, questões políticas, e também temas corriqueiros como drogas e sexo. Sobre isso, é dito por Jovino (2005, p. 4):

“O rap, como estilo ou forma musical, surgiu nos anos 70, nos Estados Unidos, sob a influência dos DJ’S de origem jamaicana da cidade de Nova York. Entre eles estão Afrika Bambaataa, Kool Herc e Grandmaster Flash. Durante os bailes, estes DJ’S apresentavam os dançarinos, fazendo o papel de mestres de cerimônia. Muitas vezes, os dançarinos recebiam os microfones para que improvisassem versos durante a execução das músicas. Nasceram à música e o músico que conhecemos atualmente como rap e MC.”

O hip-hop pode ser entendido como um abrigo, um espaço de pertencimento construído na diáspora. Sua cultura é voltada a ideia de união e comunidade, produzindo uma espécie de “família”, assim, é possível compreender a importância do movimento hip-hop para o povo negro brasileiro. Nas Palavras de Rappin’ Hood, busco evidenciar sua importância na construção de identidade e coletividade. Em entrevista para red bull o rapper diz:

"O álbum 'Fear of a Black Planet' do Public Enemy, de 1990, mudou minha vida e minha postura frente ao mundo. Esse disco é histórico. Sua militância foi uma afirmação muito grande na época", diz Rappin' Hood. "A banda ajudou muitos jovens negros do mundo inteiro a terem autoestima e a entenderem seu

potencial. No Brasil, quem fez isso por mim foram os discos de Thaíde, DJ Hum e Racionais MC's."³

Segundo Delphino (2020), podemos entender o rap como “instrumento para repensar identidades e como forma de organização de uma cultura política, observamos que elas são subsídios de uma ampla rede de relações e trocas culturais.”.

Por isso, podemos entender essa influência descrita por Rappin' Hood como uma produção de identidade e orgulho para o povo negro. É indubitável que o rap, o hip-hop, desde de sua origem até a atualidade, seja um movimento insurgente, onde se produz e reproduz posturas que combatem a mentalidade colonial com discursos entendidos, assim, como decoloniais em suas práticas individuais e coletivas

*"500 anos tudo igual
América justiça
500 anos depois tudo igual
Justiça paz
500 anos
Jesus está por vir, mas o diabo já está aqui"*
(Otus 500, Racionais MC's)

3. Proceder

Neste tópico irei discutir como o hip-hop dialoga com estratégias decoloniais através das suas produções culturais e suas relações sociais. O intuito é averiguar no movimento discursos de resistência a partir da ideia de coletividade e difusão de saberes dentre os corpos subalternizados que compõem o hip-hop.

Primeiramente, o movimento hip-hop é originado pelas pessoas negras e de forma geral protagonizado por elas. Assim, por ser produto da contracultura é um movimento de resistência aos padrões da colonialidade. Ao criar um espaço onde o indivíduo exerce a linguagem através da arte, o movimento cria subterfúgios para esses sujeitos que são individuais e coletivos refletirem sobre si e sua realidade. Sobre isso, de acordo com (Anjos, 2019, p. 55) apud (Passegi, 2010, p. 102)

Para o Hip Hop, as produções são algo entre a narrativa biográfica e aquilo que se quer dizer daqueles que nos cercam, “[...] ao abrir-se para a potencialidade reflexiva que se deposita na escrita em si, o narrador expõe concepções de vida, [...] pronunciadas enquanto discursos e percursos, denotam, no processo de biografar-se, o cuidado de si e o renascer pela escrita”.

³ <https://www.redbull.com/br-pt/music/O-surgimento-da-cultura-hip-hop-no-Brasil>

A autora se refere a produção lírica do movimento hip-hop, o rap, mas é possível expandir esse pensamento aos outros elementos, pois o grafite também é manifestação de si, a partir das artes produzidas e personas⁴ criadas. Os Djs, ao produzirem beats reorganizam suas percepções sobre a música usando e recriando batidas, conduzindo os bailes e os MC's utilizando sua pickup⁵. Já os b-boys são a expressão corporal e rítmica da música promovida pelo hip-hop, são os dançarinos que animam os bailes. Quando uma boa música toca, os b-boys e b-girls dançam, e essa dança possui identidade, possui ancestralidade.

Sendo assim, ao dar voz e protagonismo a cultura e saberes do povo negro, reivindicando um local e a percepção desses como sujeitos, o hip-hop se constitui como prática de contracultura e resistência aos processos derivados da colonialidade. Sobre isso, segundo Delphino “As manifestações culturais negras, dentre elas a cultura hip-hop, é um dos eixos fundamentais para o questionamento das estruturas de poder e dominação e, também, para a produção de reconhecimento e autonomia.” (Delphino, 2020, p. 4)

Todavia, é demasiadamente importante falar sobre a difusão do movimento no país e sobre o processo de troca de saberes derivado disso. Atualmente, através do rap e do movimento hip-hop, outros corpos subalternizados como, por exemplo, indígenas e LGBTQ+ que fazem parte do movimento e contribuem com ele. Com a adesão de outros corpos subalternos ao movimento, é possível perceber uma oportunidade prática para o que Boaventura conceitua como ecologia dos saberes.

A princípio, é necessário entender o que Boaventura descreve como pensamento abissal. Esse pensamento vai traçar uma linha divisora no mundo, uma linha que coloca uns acima (norte) outros abaixo (sul), o lado acima apreciado, relevante e potente, enquanto o lado abaixo esquecido, descreditado e incapaz. Nesse sentido, podemos entender que no sul estão os povos subalternos e o norte representa o *cogito ergo sum*.

Em contraproposta ao pensamento abissal, segundo (Tonial, 2017, p. 23) abordando (Santos, 2010)

⁴ Persona é um personagem fictício criado por um artista. No grafite as personas são manifestações de pensamentos e posturas desses artistas, assim, sua marca.

⁵ O equipamento básico de um disc jockey, mais conhecido como DJ, é composto de dois toca-discos e um mixer – aparelho que permite que duas músicas toquem sincronizadas. O trabalho do DJ é misturar os sons das músicas nas caixas de som, passando de uma para outra sem interromper o batidão e controlando a vibe. (<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-funciona-uma-pickup-de-dj/>)

Como estratégia de resistência ao pensamento abissal, Santos (2010) entende que é necessário construir um pensamento pós-abissal, que tem como premissa a ideia da “diversidade epistemológica do mundo e o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimentos além do conhecimento científico” (Santos, 2010, p.54).

É nesse pensamento que reside a proposta da ecologia de saberes que é, de acordo com Santos (2014, p. 332),

um conceito que visa promover o diálogo entre vários saberes que podem ser considerados úteis para o avanço das lutas sociais pelos que nelas intervêm. [...] Portanto, em primeiro lugar, a ecologia de saberes é um processo coletivo de produção de conhecimentos que visa reforçar as lutas pela emancipação social.

Entendo que ao ter diversa representatividade de corpos subalternizados, o movimento hip-hop constrói um conhecimento dialógico entre saberes distintos através de práticas coletivas como as batalhas de rimas, duelos de breakdance, mutirões de grafite e as escolas de discotecagem, fortalecendo esses povos e corpos que são produtores de discursos e conhecimentos do sul.

Convoque seu Buda!

O clima tá tenso

Mandaram avisar que vão torrar o centro

(Convoque seu buda, Criolo Doido)

4. Antagonistas da colonialidade.

Neste tópico irei me dedicar a apresentar coletivos e indivíduos que considero inimigos dos processos coloniais, indivíduos que protagonizam o movimento hip-hop, difundem saberes e inspiram a nova geração. Assim, dando continuidade à ideia do movimento que tem por objetivo original denunciar as desigualdades raciais, sociais e culturais orquestradas pelo projeto colonial.

Início este processo pelo Recife. O Movimento Social e Cultural Cores do Amanhã⁶ é uma iniciativa de grande importância para a cultura, educação e arte. Ligado ao movimento hip-hop é um coletivo sem fins lucrativos, que tem como objetivo trazer cultura e cidadania através da arte, esportes e do hip-hop para jovens. Sua sede é na comunidade do Tótó na zona-oeste do Recife, mas suas atividades se estendem a vários locais. O Cores do Amanhã foi inicialmente articulado por um grupo de grafiteiros,

⁶ <http://coresdomanha.blogspot.com/p/o-cores-do-amanha.html>

(Luther, Adelson Boris, Josue Barata e Florim) que observaram na comunidade uma carência de atendimentos básicos ligados a ações sociais e educativas. Atualmente o projeto é composto por artistas plásticos, grafiteiros, b-boys, MC's, DJ's, artesões, músicos, e artistas de diversas áreas que buscam levar cultura e cidadania para o Estado de Pernambuco e outras regiões.

Concluo a cena de Recife com mais uma apresentação, porém deixo claro que a cena é gigante. São vários produtores de conteúdo e saberes em todas as cidades da RMR e também em várias cidades de Pernambuco.

Sergio Ricardo, conhecido como Sociólogo da Favela, é um b-boy associado ao movimento hip-hop de Pernambuco, está articulado com a cena cultural da cidade e envolvido em projetos de dança para jovens. “Hoje, longe da dança em si, ele considera o break um instrumento de transformação social. Com o projeto Dança de Rua – Arte, Cidadania e Cultura de Paz, ele ministra workshops, palestras e oficinas em escolas públicas e ONGs.”⁷

Em seguida, apresentarei o grupo Brô MC's, formado por jovens de etnia Guarani Kaiowá, é tido como o primeiro grupo de rap indígena popularizado no Brasil. Em entrevista, “O grupo conta que escolheu o rap pelo fato do estilo servir como uma ferramenta que pode ser utilizada contra o preconceito e o racismo. Não é novidade para ninguém que muitas tribos indígenas, se não todas, ainda são alvo de preconceito de uma grande parcela da humanidade, o que torna a situação preocupante e ações como esta, fundamentais.”⁸.

Também, com grande crescimento dentro da cena e importância nas discussões LGBTQ+. O grupo Quebrada Queer foi o primeiro composto por artistas LGBTQ+ a cantar numa *cypher do rap*⁹ na América Latina. Segundo o site *agenciamural* “No clipe de estreia, o coletivo aborda a luta LGBTQ+ e tenta representar a união de forças no intuito de trazer mais representatividade para o público que por muito tempo é mantido em espaços invisíveis. O grupo trata nas músicas sobre a conscientização, os riscos de ser

⁷ <https://www.hellomoto.com.br/dancas-urbanas-dividem-espaco-na-cena-recifense-hc/>

⁸ <https://www.unijui.edu.br/unijui-fm/noticias/26210-conheca-o-grupo-de-rap-indigena-bro-mc-s-que-compoe-em-guarani>

⁹ a *cypher* no rap tem como objetivo reunir MCs, sendo eles de grupos ou artistas solos, para rimas inéditas e com uma conexão de palavras mais complexas, com um DJ responsável pelo *beat*.

gay, negro e periférico, e celebra a importância de se reafirmar dentro de diversos espaços.”¹⁰

Por fim, concluo citando alguns nomes de grande importância para a cena nacional, que contribuíram e contribuem com o movimento e a fortificação do povo negro e periférico. Faces do Subúrbio, Racionais MC's, Costa a Costa, Emicida, Djonga, SNJ, toda a família RZO, Rappin' Hood, os que não estão mais aqui Sabotage e Dina di, entre outros nomes do rap que não devem ser esquecidos, mas seria impossível citar todos. Família de Rua, Batalha da aldeia, Coletivo GraPixo, Liga nacional de MC's e outros coletivos responsáveis pela difusão e resistência do movimento no Brasil.

“Acredite em você

Não se deixe abalar

O céu é o limite

Você pode ultrapassar

Não há barreira,

Limites, fronteiras,

Esse é seu caminho

Você não deve parar”

(R.U.A 8 Menssageiros, Nocivo Shomon)

5. Considerações Finais

Tudo o que foi discutido aqui, mais do que saber decolonial, é resistência e representatividade. Os produtores do movimento hip-hop, muitas vezes, podem ou não ser um *intelectual orgânico*¹¹, que pode estar a par ou não da decolonialidade. Nesse sentido, não se faz necessário saber o que é decolonial, para exercer uma postura de enfrentamento a colonialidade, no movimento hip-hop os indivíduos e coletivos, ou como pensado por Ailton, essas “pessoas coletivas” (Krenak, 2019, p. 14), reagem aquilo que as violentam, que silencia, e que aprisiona suas existências.

Quando um povo subalterno luta contra a colonialidade, não é apenas decolonial, é sobrevivência, insurgência e reivindicação. O hip-hop é sobrevivência da cultura negra, é luta da cultura negra e como foi visto, atualmente, também luta por outros corpos e culturas.

¹⁰ <https://www.agenciamural.org.br/quebrada-queer-discute-sexualidade-e-genero-na-periferia/>

¹¹

Por fim, durante o processo de escrita, compreendo que sobre toda essa discussão se vislumbram diversas nuances e complexidades dentro de cada um dos elementos, que para melhor aprofundamento, seria necessário mais tempo e ao menos um trabalho para cada um deles. Contudo, “O rap é compromisso, não é viagem, se pá fica esquisito.” (Sabotage, 2000) resistência é compromisso contínuo, não tem fim.

6. Referências Bibliográficas.

ANJOS, Suelen Gonçalves dos. Hip hop e as práticas educativas : um estudo a partir das experiências do coletivo família hip hop, Santa Maria - DF. 2019. 136 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CARNEIRO, F. F. F.; KREFTA, N. M.; FOLGADO, C. A. R. A Praxis da Ecologia de Saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, v. 8, n. 2, p. Pág. 331-338, 30 jun. 2014.

Delphino Fernandes de Souza, G., Campos da Silva, T., & Rodrigues da Silva, F. (2020). CULTURA POPULAR NEGRA: DECOLONIALIDADE NO RAP E EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS. *TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA* (ISSN: 2358-212X), 9(2). Recuperado de <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3890>

Gilroy, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001

JOVINO, I.S. Escola: as minas e os manos têm a palavra. 2005.104f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad y Modernidad-razionalidad". In: BONILLO, Heraclio (comp.). Los conquistados. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp. 437-449. Tradução de Wanderson flor do nascimento.

TONIAL, Felipe Augusto Leques; MAHEIRIE, Kátia; GARCIA JR, Carlos Alberto Severo. A resistência à colonialidade: definições e fronteiras. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 16, n. 1, p. 18-6, jun. 2017. Disponível

em<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442017000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 dez. 2021.